II JORNADA NACIONAL DE EXTENSÃO DA UEMA
II FÓRUM ACADÊMICO INDÍGENA DA UEMA
TEMA: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DESENVOLVIMENTO SOCIOPRODUTIVO
27 A 29 DE MAIO | UEMA SÃO LUÍS-MA
REALIZAÇÃO: Uema Proexae APOIO: ISPN PiPoU VALE

AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA

Diullene Conceição da Silva Viana[1]
Universidade Estadual do Maranhão

Marivania Leonor Souza Furtado[2]
Universidade Estadual do Maranhão

Resumo: O presente relatório descreve as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE). O mesmo visa o aperfeiçoamento de 80 docentes indígenas e lideranças educacionais, organizando-se em três eixos integrados: o letramento e numeramento nas línguas indígenas como primeira língua; o ensino da Língua Portuguesa como língua adicional; e a valorização das artes verbais e saberes matemáticos ancestrais para os povos Tentehar/Guajajara, Ka'apor, Tembé e Awá Guajá,. As atividades, iniciadas em agosto de 2025, concentraram-se inicialmente na organização de reuniões de planejamento e na apresentação da rede de colaboradores e formadores, oficinas e participação em eventos acadêmicos e políticos. Até o momento, os resultados parciais indicam uma articulação efetiva das oficinas que ocorrem nas Terras Indígenas Rio Pindaré (Bom Jardim), Carú (Bom Jardim) e Alto Turiaçu (Centro de Formação Saberes Ka'apor e Zé Doca),focando na produção de materiais didáticos autorais, no fortalecimento da educação nesses territórios e na atuação de docentes indígenas como principais articuladores desta ação.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena; Povos Indígenas; Letramento; Numeramento.

AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA

Abstract: This report describes the activities carried out within the framework of the extension project Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE). The project aims to enhance the training of 80 Indigenous teachers and educational leaders, and is organized around three integrated areas: literacy and numeracy in Indigenous languages as a first language; the teaching of Portuguese as an additional language; and the appreciation of verbal arts and ancestral mathematical knowledge among the Tentehar/Guajajara, Ka'apor, Tembé, and Awá Guajá peoples.The activities, initiated in August 2025, initially focused on organizing planning meetings and presenting the network of collaborators and trainers, as well as conducting workshops and participating in academic and political events. So far, the partial results indicate the effective articulation of workshops taking place in the Indigenous Territories of Rio Pindaré (Bom Jardim), Carú (Bom Jardim), and Alto Turiaçu (Ka'apor Knowledge Training Center and Zé Doca), with an emphasis on the production of original teaching materials, the strengthening of education within these territories, and the active role of Indigenous teachers as the main coordinators of this initiative.

Keywords: Indigenous School Education; Indigenous Peoples; Literacy; Numeracy.

1. Introdução

A Ação Saberes Indígenas na Escola é uma iniciativa iniciada em 2013, resultado de uma parceria entre o Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). O propósito central é promover a valorização das culturas e saberes indígenas nas escolas, fortalecendo a educação escolar indígena e garantindo que os conhecimentos tradicionais sejam transmitidos às futuras gerações. Desde então, o programa tem apoiado a formação de professores indígenas e a elaboração de materiais didáticos específicos, contribuindo para uma educação mais inclusiva com a diversidade cultural do Brasil, em conformidade com a Portaria no 1.061/2013, Resolução CNE/CEB no 5/2012 e outras normativas

>diullene4@gmail.com >marivaniafurtado@yahoo.com

que regulamentam a educação escolar indígena. A parceria entre a Ação Saberes Indígenas na Escola e a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) foi estabelecida por meio do Programa de Formação Docente para a Diversidade Étnica (PROETNOS). Em 2024, a UEMA participou da I Oficina de Planejamento Saberes Indígenas Ka'apor, em Zé Doca, com o objetivo de promover a formação de professores indígenas e fortalecer a educação escolar indígena.

A formação aborda o letramento e numeramento em línguas indígenas e em português, entre outros eixos. Antes de tudo, é crucial distinguir a educação indígena que é a transmissão de conhecimentos e práticas repassadas de geração a geração dentro de um território indígena; e a educação escolar indígena que, segundo Sousa (2025, p. 30) é o "respeito aos processos formais de ensino e aprendizagem que se dão por intermédio da instituição escolar, que é, historicamente, uma criação dos povos colonizadores. No entanto, os povos indígenas se apropriaram dessa instituição, ressignificando seu propósito: de um espaço de dominação e aculturação, a escola passou a ser reivindicada como um instrumento de luta política e de afirmação cultural", não é mixar culturas, mas reconhecer que existe uma assimetria de poder e usar a educação para combatê-la. O objetivo é qualificar 80 professores indígenas e 6 orientadores, promovendo a autonomia e autodeterminação dos povos indígenas. A ação beneficiará comunidades como Tentehar/Guajajara, Kaapór, Tembé e Awá/Guajá com oficinas de Letramento e Alfabetização, em parceria com a SEDUC/MA e o Programa de Formação Docente para a Diversidade Étnica (PROETNOS) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

As finalidades centrais desta ação de extensão é a criação de material didático para as escolas das dos territórios Indígenas Alto Turiaçu, Carú e Rio Pindaré. A elaboração desse material envolve textos e atividades em cartilhas sobre as histórias destas pessoas e seu território que eram contadas ao redor do fogo, histórias que não podem ser compreendidas apenas como ficções ou parte de processos de imaginação, elas expressam noções de pertença e realidades míticas vinculadas a sua história, são parte de sua cosmologia. Nesse sentido, os materiais que serão elaborados são de autoria dos agentes sociais, pois as narrativas orais coletadas nesse processo foram analisadas por membros da equipe de extensão, mas os materiais publicados são produtos de vivências dos próprios indígenas.

2. Material e Métodos

Está sendo utilizado como processo metodológico o levantamento bibliográfico, observação direta e a realização de oficinas, sendo elas de letramento e numeramento para os povos Tentehar/Guajajara do Rio Pindaré e Carú, Ka'apor e Awá Guajá do Alto Turiaçu. Compreende-se na análise bibliográfica consultas em artigos publicados em sites e livros, teses, além de Segundo Marconi e Lakatos (2008), a pesquisa bibliográfica utiliza várias fontes e documentos no processo de investigação. De acordo com Geertz (1989, p. 20) a etnografia é uma descrição densa na qual se faz um esforço intelectual de interpretação, descrevendo cada detalhe que lhe é exposto "[...] o que o etnógrafo enfrenta é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras". Mas, também, ver onde os saberes tradicionais e a escrita se cruzam. As atividades da referida ação ocorrem em diversos espaços e tempos. As oficinas são realizadas nos próprios territórios com recursos para a elaboração de ilustrações que irão compor uma cartilha de histórias, cantos e atividades para crianças dos anos iniciais nas escolas. Assim, o procedimento de análise que está sendo feito durante a extensão, busca captar não apenas o conteúdo pedagógico transmitido, mas os significados que os próprios docentes indígenas atribuem a esse processo de formação dentro de suas realidades específicas, entendendo a valorização dos conhecimentos, saberes e seus modos de vida.

3. Resultados

>diullene4@gmail.com >marivaniafurtado@yahoo.com

As atividades do projeto de extensão iniciaram no dia 20 de agosto de 2025 como a reunião de planejamento de modo híbrido: presencial na sala do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Lutas Sociais Igualdade Diversidade (LIDA/UEMA) e Via Google Meet, onde foi apresentado o programa e toda sua equipe, como coordenadores, formadores, orientadores de estudo e outros. Durante esta reunião foi decidido também as datas e locais das oficinas, a primeira, de acordo com a programação discutida, ocorreria nos dias 28 e 29 de setembro de 2025 no Centro de Formação Saberes Ka'apor (CFSK) na Terra Indígena Alto Turiaçu; a segunda oficina ocorreria nos dias 22 e 23 de setembro de 2025 na turma do Carú; a terceira na Terra Indígena Rio Pindaré no período de 01 e 02 de outubro; a quarta ; e a quinta aconteceria nos dias 28 e 29 de outubro de 2025 com os Ka'apor e Awá Guajá em Zé Doca.

Figuras 1 e 2 – Docentes indígenas Tentehar/Guajajara e Tembé na produção do material





Fonte: ARQUIVO PESSOAL (2025)

Figura 3 – Professores indígenas Ka'apor na produção do material didático.



Fonte: ARQUIVO PESSOAL (2025)

Durante as oficinas, foram apresentadas várias histórias, dentre elas: "Como surgiu o canto Tentehar", "Maíra ensinou os indígenas a fazer os remédios com as plantas" e "Os irmãos contra o Zurupari". Ainda ficaram de registrar mais histórias e enviar para a diagramação do referido material.

No Centro de Formação Saberes Ka'apor (CFSK), ocorrida no dia 29 de novembro de 2025, na escola Jumu'e Ha Renda Keruhu, iniciamos com os "sentires da floresta" (órgão de sentido humano em equilíbrio com o da floresta). Para eles/as, a natureza se comunica e se entende, e

aprendemos a viver com ela. Os/as docentes indígenas do CFSK, utilizam a natureza para o processo de formação educacional, e isto acontece por meio de 4 ciclos. O primeiro consiste na formação básica; o segundo em habilidades; o terceiro na formação de habilidades; e, o quarto no aperfeiçoamento dessas habilidades.

Figura 3 – Docentes indígenas



Fonte: ARQUIVO PESSOAL (2025)

Outro espaço que A COP 30 (30ª Conferência das Partes da ONU) é a principal cúpula mundial sobre mudanças climáticas, que ocorreu em novembro de 2025 em Belém, no estado do Pará. O evento reuniu diversos líderes globais para definir ações contra o aquecimento global, com foco em financiar a transição energética, proteger florestas tropicais e aumentar o financiamento climático.

4. Discussão

Durantes as oficinas realizadas na T.I. Carú e e T.I. Rio Pindaré, sempre iniciamos o dia com cantos na língua Tentehar/Guajajara. Foram formadas equipes composta por docentes indígenas, e a primeira etapa consistia na roda de escrita com anciões e anciãs: foi dada as opções de criar o material didático e a oralidade numa roda de conversa com os/as anciãos/ ãs trabalhando as narrativas indígenas tentehar/guajajara.

Enquanto, acontecia a elaboração das histórias e atividades (a escrita das histórias em português e na língua materna, a concepção de atividades de numeramento e letramento para o material didático), perguntei a alguns docentes indígenas como essas oficinas têm auxiliado a prática docente e, de acordo com eles/as, a principal contribuição, além da valorização dessa educação diferenciada, é a interpretação das histórias. Muitos falam na língua materna.

Todavia, a escrita e a leitura ainda são um obstáculo. Sob uma perspectiva decolonial, o letramento indígena ganha força quando a composição da língua materna assume o papel de ferramenta política na gestão do território e na preservação da memória coletiva, subvertendo a lógica da educação convencional como instrumento de silenciamento. Já no Centro de Formação Saberes Ka'apor (CFSK) localizado no Território Alto Turiaçu, na cidade de Centro do Guilherme/Maranhão, pude observar que a língua materna é mais presenteque o português. Toda vez que iam conversar entre si, era apenas na língua materna; português apenas com quem era de fora. Adiante, os Ka'apor e Awá que tiveram

as oficinas realizadas na sede de Zé Doca, as oficinas contribuíram muito para o posicionamento desses e dessas docentes em relação ao ensino em suas aldeias.

Sob uma perspectiva decolonial, o letramento indígena ganha força quando a composição da língua materna assume o papel de ferramenta política na gestão do território e na preservação da memória coletiva, subvertendo a lógica da educação convencional como instrumento desilenciamento. Baniwa (1996) defende:

> Diversas e expressivas experiências estão em andamento em todo o país, no sentido de garantir o direito à uma educação específica e diferenciada, e, mais que isso, que sejam os próprios povos indígenas os autores e protagonistas destes processos. Fundamental é a questão da criação e autogestão dos processos de educação escolar indígena: os próprios povos indígenas estarem discutindo, propondo e procurando, não sem dificuldades, realizar seus modelos e ideais de, escola, segundo seus interesses e necessidades imediatas e futuras. (Baniwa, 1996, p.3).

5. Conclusões

Conclui-se, parcialmente, que este projeto de ação cumpre o seu papel social ao dialogar com estas instâncias de poder. A articulação entre a teoria decolonial de autores como Quijano, contracolonial, de caso Nego Bispo, demonstra que "não se pode pensar o futuro sem educação" (Baniwa, 2025, informação verbal). As próximas etapas deste plano de trabalho estarão voltadas para a sistematização dos materiais produzidos, fortalecendo a autonomia dos docentes indígenas através de uma educação diferenciada e territorializada em seu conteúdo.

Referências

BANIWA, Gersem. **Educação para manejo do mundo**. Articulando e Construindo Saberes. V. 04; 59074. Goiânia. 2019

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer/Antônio Bispo dos Santos**; imagens de SantídioPereira. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989

GERSEM, Luciano. **Educação: construindo uma forma diferente de educação.** São Gabriel da Cachoeira: Federação das Organizações Indigenas do Rio Negro, 1996.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica. -** 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

SOUSA, S. O. **AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA:** uma análise crítica de sua

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivaslatino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

>diullene4@gmail.com >marivaniafurtado@yahoo.com